

DIAMANTINO MARTINS: UM METAFÍSICO EXISTENCIALISTA

Celeste Natário¹

Dotado de uma rara força de penetração de incontestável originalidade, e tendo como base, antes de mais, as íntimas interrogações do seu “espírito”, Diamantino Martins projecta para fora de si o campo de interrogações.

Tendo Henry Bergson como autor determinante na sua atitude fundamental de filosofar (autor de seu particular interesse, tendo constituído objecto de estudo na sua tese de Doutoramento), Santo Agostinho e Miguel de Unamuno tiveram também relevante importância no seu questionamento, sendo ainda Karl Jaspers e Gabriel Marcel outros autores que muito admirou.

Na sua muito significativa obra, mas sobretudo em *Existencialismo, O Problema de Deus e Teoria do Conhecimento*, o problema central que se vai desenvolvendo é o Homem, mas também e simultaneamente o problema de Deus, dos seres e do Ser².

No plano individual e social, é o homem concreto, com as suas inquietações, “o homem e sua circunstância”, como disse Ortega y Gasset, o grande tema da sua reflexão.

¹ Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, tendo publicado: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (2008); *Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII* (2010); *Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica* (2010). Tem organizado múltiplos encontros científicos. Coordena o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)..

² Cf. *Bergson: A intuição como Método na Metafísica*, 2ª ed. Porto, Tavares Martins, 1957.

Embora conhecendo com profundidade o pensamento de Freud e de Jung (sublinhe-se que Diamantino Martins foi durante algum tempo professor de Psicologia), não deixa, contudo, de falar das dificuldades relativas ao conhecimento do homem, afirmando, a esse respeito, que uma vida inteira não bastaria para conhecer o homem. É também neste contexto que declara: “Confesso não me conhecer verdadeiramente nem a mim mesmo” – razão que o levará também a escrever: “como poderei conhecer os outros?”³.

Considerando, o pensador, que o homem é um ser essencialmente metafísico, vai defender que todas as abordagens ao problema do Homem implicam necessariamente falar do problema de Deus, ao mesmo tempo que da relação do homem com os outros e com o mundo.

O problema do ser e o problema do ente, ou seja, o problema de Deus e o mistério da existência humana, apresentam-se no pensamento de Diamantino Martins como a sua maior preocupação, sendo disso mesmo reflexo a sua vasta obra, o que ocorre numa constante tensão dialéctica entre o homem e Deus, entre os seres e o Ser.

É do homem, nas suas diferentes abordagens, que o estudo deste pensador vai partir e incidir, sobretudo porque este é o problema filosófico que se lhe afigura como central. Reconhecendo-se, desde logo, o conhecimento de si próprio como um enigma, é para o mistério do homem (que constitui também o título de uma das suas obras) nas suas relações que o seu estudo se dirige. E é nas obras *O Mistério do Homem*, *Do inconsciente* ou *Existencialismo* e até na *Filosofia da Plenitude*, que a sua antropologia ganha sentido, sendo certo também que aí as perspectivas psicológica e a existencial não deixam simultaneamente de comparecer.

³ In “Alguns problemas dos universais”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 19,1963, p. 348.

E, se é do seu empenho na compreensão do problema do Homem que é, simultaneamente, o verdadeiro problema de Deus, Diamantino Martins afirmará que “toda a psicologia se deve prolongar em metafísica”⁴. Defenderá também à luz desta sua visão que o problema do homem é simultaneamente um problema de relação: de relação com o mundo, com os outros e com Deus, na medida em que o homem é um ser implicado, um ser cujo existência individual não pode ser concebida como distinta dos outros homens, o que decorre da sua circunstância de ser, de ser humano, e, como tal, na interpretação de Diamantino Martins, de ser na relação com Deus e com os outros seres. Escreve o filósofo bracarense: «O homem não é só; é em presença de; não existe propriamente; co-existe»⁵, afirmando, por isso, que «a vida humana é essencialmente convívio»⁶.

É verdade que Diamantino Martins parte, para a sua reflexão do homem concreto, da existência individual, de uma existência de que procura aproximar-se no seu íntimo, sendo aí que «o mistério das almas» se esconde, e que Diamantino Martins procura despertar, mesmo que, como escreve, «as mais das vezes é melhor nem entrar numa alma, porque nada nela se encontra»⁷. Porém, não deixava o autor de acreditar que essas almas «sempre se podem despertar, como um violino cuja cordas nunca vibraram»⁸. Mas, começando a vibrar, eis que surgem as surpresas e mistérios, eis que dum ponto ou dum mundo individual é para a Terra, é para o Céu que somos conduzidos, pois é aí que todos os mundos individuais se encontram reflectidos, pelo que, como afirma, «cada

⁴ In *Mistério do Homem: Ser, Personalidade, Imortalidade*, Braga, Livraria Cruz, 1961, p. 23.

⁵ Ibid., p. 126.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibid., p. 118.

⁸ Ibidem.

alma é uma estrela, a alumiar o firmamento, a olhar para ele, a querer possuí-lo»⁹. Contudo, escreve ainda, «passamos como um sonho sobre o deserto, saltando um mundo que rotulamos com uma palavra, mas esse mundo assim tão facilmente rotulado transborda-nos indefinidamente, em todas as dimensões»¹⁰. E aí percebemos como é possível perdermo-nos nos nossos fatalismos e simplificações que nos levam a ver como continuar, realidades em si descontínuas, que nos podem levar a ver o homem como um somatório de sensações ou de percepções, afinal levar-nos ao que o homem não pode reduzir-se, afirmando Diamantino Martins que «o homem vivo é muita coisa ao mesmo tempo, e muito mais do que a consciência mais atenta se manifesta»¹¹, pelo que «o homem vivo deve aparecer como ele é na realidade, como aparece num romance existencial.»¹², e não como um homem espartilhado num mundo em que tudo está calculado e definido como «num romance em que tudo é lógico, em que as coisas tem sempre princípio, meio e fim», mas sim, escreve o autor do *Mistério do Homem*, num romance em que «as coisas são efectivamente umas que começam e acabam, outras que surgem e aparecem e ficam para aí sem saber porquê, ou desaparecem quando deviam permanecer»¹³.

Verdadeiramente, a imagem do homem deverá ser aquela que decorre do que ele é na sua realidade, isto é, «um nada em que tudo interfere, um ponto no meio do Universo»¹⁴. E se se chegou ao que cada um é e ao em que todos os outros são ou

⁹ Ibid., p. 119.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibid., p. 120.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

possam ser, então pode chegar-se «à essência de cada um e de todos, ao que cada um é ou desejaria ser, ao que deseja ser se perfeitamente actualizado»¹⁵.

Reconhecendo haver infinitas formas diferentes de realização, entenderá o nosso autor que todas se podem equivaler, sendo indiferente que se realize esta ou outra, na medida em que todas se equivalem, apenas sendo importante e necessário que alguma delas se cumpra.

Tendo como ponto central da vida humana a reflexão e tentativa de resposta à pergunta de onde brota a existência, Diamantino Martins procurou todas as possibilidades e meios de investigação ao dispor, tanto «as psicologias da profundidade como das alturas, a plenitude das alturas e os confins do inconsciente»¹⁶, afirmando que o homem «é um ponto de trevas donde jorra a luz»¹⁷, ponto de trevas porque é humano, «demasiado humano», e dado «o fracasso do homem perfeito»¹⁸, ou seja, do homem como «animal racional».

Como ser que se nos revela «concretamente», o ser do homem «é um ser dominado pela racionalidade», mas é também «demasiadas vezes um ser dominado pela irracionalidade»¹⁹, sendo assim necessário conhecer a natureza humana tal como é em si, nos seus limites, «a qual comporta esboços e degradações»²⁰.

¹⁵ Ibid., p. 121.

¹⁶ Ibid., p. 38.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibid., p. 40.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

Diamantino Martins, que no prólogo de *Mistério do Homem* diz ser movido pelo que chama «dialéctica oculta», defende que o ponto de partida do particular leva à «formula geral», ou seja, a «um princípio ou uma essência», que constitui o ponto de apoio inabalável e seguro que a nossa inteligência requer para chegar ao que se pensa ser a realidade. Contudo, ela «ultrapassa sempre todas as ideias que dela possamos ter por mais perfeitas que sejam, dum modo especial quando esse real é Deus».

Chegar ao eterno do homem como tal é, segundo Diamantino Martins, considerá-lo em todas as suas manifestações, sejam estas psicológicas (nas mais diversas acepções), fenomenológicas, religiosas ou metafísicas, na medida em que o homem, como já referimos, é um ser essencialmente metafísico²¹, razão que o leva a afirmar também ser o problema da demonstração de Deus o de «mostrar a implicação da Sua Existência na nossa existência», ou seja, prossegue o autor, «que não podemos existir, de facto, sem que Deus exista»²². E assim «a existência de Deus aparece implicada na minha existência, ao pensá-la perfeitamente; não atinjo directamente a Deus, mas a implicação de Deus na criatura»²³. Por isso, pensa que basta sermos o que somos, não colocando obstáculos à existência (à nossa), para se encontrar Deus, pois é a partir da nossa experiência espiritual que pensamos Deus e os “puros espíritos em geral”²⁴, o mais perfeitamente que nos é possível, assim como os demais homens, mesmo que este conhecimento seja essencialmente pessoal.

²¹ Cf. *O Problema de Deus*, Braga, Liv. Cruz, 1957 p. 85.

²² Ibid., p. 97.

²³ Ibid., p. 104.

²⁴ Cf. *ibid.*, p. 58.

Na sua perspectiva, o sonho e o desejo mais profundo da alma humana é sentir a presença de Deus. E por isso considera que o problema central da vida humana é conhecer a Deus como verdadeiro Deus, o que supõe amá-lo necessariamente para O conhecer como Amor, não bastando pois saber que Ele existe. É que para Diamantino Martins a existência de Deus é simplesmente uma exigência da nossa existência²⁵, mesmo que afirme: «não atinjo directamente a Deus, mas a implicação de Deus na criatura»²⁶.

Metafísica da existência e metafísica da essência são no filósofo bracarense complementadas, o que significa a presença no seu pensamento da tradição escolástica em que se formou, mesmo que Diamantino Martins dialogue, entre outros, com autores como Bergson e Unamuno, tendo o existencialismo de sinal cristão uma especial relevância, ainda que se tenha também interessado pelo pensamento existencialista em geral.

«Ontologia do ser humano», antropologia e teodiceia estão para Diamantino Martins intrinsecamente implicadas e exigem-se reciprocamente. Mas sempre na existência concreta e realíssima de cada um de nós.

²⁵ Cf. Ibid., p. 85.

²⁶ Ibid., p. 101.